

**Lihury Claudio Evangelista**

**O processo de alfabetização na perspectiva da criança: revisão de literatura**

**Uberlândia**

**2022**

**Lihury Claudio Evangelista**

**O processo de alfabetização na perspectiva da criança: revisão de literatura**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Professora Doutora Paula Cristina Medeiros Rezende

**Uberlândia**

**2022**

**Lihury Claudio Evangelista**

**O processo de alfabetização na perspectiva da criança: revisão de literatura**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

**Orientadora: Professora Doutora Paula Cristina Medeiros Rezende**

**Banca Examinadora**

**Uberlândia, 7 de Dezembro de 2022.**

---

**Prof. Dra. Paula Cristina Medeiros Rezende**  
**Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG**

---

**Prof. Dra. Tatiana Benevides Magalhães Braga**  
**Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG**

---

**Prof. Dra. Viviane Prado Buiatti**  
**Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG**

**Uberlândia**

**2022**

## Resumo

Este trabalho realizou uma revisão bibliográfica da literatura com o objetivo de investigar como se dá a perspectiva da criança sobre o processo de aquisição da leitura e da escrita e como esta é apresentada na investigação científica. Para tanto, foram realizadas pesquisas nas bases de dados científicas, a partir de 12 descritores envolvendo a perspectiva da criança e a aquisição de leitura e escrita, compreendendo o período de 2007 a 2015. Foram encontradas 13 publicações alinhadas aos descritores, cujos resumos foram lidos a fim de selecionar artigos que compreendessem o escopo do trabalho. Essa segunda seleção identificou 10 artigos científicos efetivamente analisados. A análise articulou seis temas: vivência da criança em instituições e políticas educacionais, relação entre alfabetização e experiência da criança no contexto de vida, influência dos recursos de aprendizagem na alfabetização, posicionamento da criança em relação ao texto, papel do professor na jornada da criança e experiência da criança propriamente dita. Os resultados mostram a prevalência de perspectivas teóricas multidimensionais sobre o processo de aquisição de leitura e escrita, incluindo aspectos culturais, sociais, relacionais, experienciais e de políticas públicas. Todavia, demonstra-se também uma forte hegemonia de artigos científicos que abordam as crianças como objetos do estudo, porém que não incluem as próprias vivências e reflexões da criança sobre o processo de aprendizagem em seu escopo de investigação, silenciando assim toda uma população de crianças. Conclui-se pela necessidade de ampliar investigações que deem voz direta à criança, visando evidenciar o protagonismo, as conquistas e as dificuldades enfrentadas pela criança no processo de aquisição da leitura e da escrita.

**Palavras-chaves:** Linguagem Escrita, Desenvolvimento infantil, Alfabetização, Protagonismo da Criança

## Abstract

This work carried out a bibliographic review of the literature with the objective of investigating how the child's perspective on the reading and writing acquisition process is given and how it is presented in scientific research. Therefore, research was carried out in scientific databases, from 12 descriptors involving the child's perspective and the acquisition of reading and writing, covering the period from 2007 to 2015. 13 publications were found aligned with the descriptors, whose abstracts were read in order to select articles that understood the scope of the work. This second selection identified 10 scientific articles effectively analyzed. The analysis articulated six themes: the child's experience in educational institutions and policies, the relationship between literacy and the child's experience in the context of life, the influence of learning resources on literacy, the child's positioning in relation to the text, the teacher's role in the child's journey and the child's experience itself. The results show the prevalence of multidimensional theoretical perspectives on the reading and writing acquisition process, including cultural, social, relational, experiential, and public policy aspects. However, there is also a strong hegemony of scientific articles that approach children as objects of study, but that do not include the child's own experiences and reflections on the learning process in their scope of investigation, thus silencing an entire population of children. It is concluded that there is a need to expand investigations that give a direct voice to the child, aiming to highlight the leading role, the achievements and the difficulties faced by the child in the process of acquiring reading and writing.

**Keywords:** Written language, Child development, Literacy, Child Protagonism

## Sumário

Resumo.....	4
Abstract .....	5
1. Introdução.....	7
2. Metodologia .....	21
3. Análise.....	30
Considerações finais.....	43
Referências Bibliográficas .....	46

## 1. Introdução

### **A entrada da Criança na escola e os Processos de Alfabetização e Letramento**

Segundo Vygotsky (1988), a entrada da criança na escola traz profundas transformações ao desenvolvimento infantil. A inserção no mundo da escrita ocorre simultaneamente aos processos de “alfabetização e letramento”, que embora possuam grande correlação, são diferentes entre si. Alfabetização refere-se ao processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita (Soares, 1998), sendo considerada alfabetizada a pessoa capaz de usar adequadamente o sistema ortográfico de sua língua ao escrever. A alfabetização, em sentido estrito, “[...] designa, na leitura, a capacidade de decodificar os sinais gráficos, transformando-os em sons, e, na escrita, a capacidade de codificar os sons da língua, transformando-os em sinais gráficos.” (Batista, 2006, p. 16).

Já o letramento designa o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, ou seja, “o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. (Soares, 2002, p.18). Desse modo, o letramento aborda aspectos como a compreensão das funções sociais de um texto, de seus meios e modos de inserção na cultura, enfim, da relação entre a linguagem escrita e o contexto social no qual ela é vivida, produzida e operada. Nessa perspectiva, Kleiman (1998, p.182) destaca que o letramento “adquire múltiplas funções e significados, dependendo do contexto em que ele é desenvolvido”. A criança pertencente a uma família letrada está familiarizada com a forma da escrita e seu sentido e funções mesmo antes da aquisição dos códigos formais de escrita. Do mesmo modo, na educação infantil, as crianças ainda estão iniciando o processo de alfabetização, mas podem já ser letradas na medida em que tiverem acesso ao mundo letrado, através da leitura de histórias, pelo manuseio de livros, gibis, revistas, etc. Assim:

[...] a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é, de certa forma, letrada (Miranda, Santos, Rodrigues, Magalhães & Mata, 2021, p.1214).

A diferenciação entre os fenômenos alfabetização e letramento é importante por destacar, por um lado, aspectos ligados ao código da linguagem e, por outro, a inserção na cultura letrada, sendo que ambos representam grande importância no processo de aquisição da leitura e da escrita. Nesse sentido, um ambiente propício e adequado para a alfabetização e o letramento é necessário na Educação Infantil, pois estes fenômenos estão:

[...] presentes no cotidiano infantil, seja em quaisquer circunstâncias, e com muito mais ênfase no interior das escolas de educação infantil onde a existência do mundo letrado se intensifica assumindo uma intencionalidade educacional específica (Stemmer, 2010, p.131).

### **A importância das contribuições de Ferreiro e Teberosky para a Aquisição da Escrita**

Para entender a aquisição da escrita na infância, Ferreiro e Teberosky (1999) propõem cinco níveis de aprendizagem, que sofrem uma evolução regular. No nível pré-silábico, a criança não estabelece relação entre a escrita e a fala (pronúncia), representando a realidade por meio de desenhos, rabiscos e letras aleatórias. Embora a criança apresente algum nível de letramento, percebendo a função social da escrita e a diferenciando do desenho, possui hipóteses quantitativas ou formais, por exemplo escrevendo o nome de um objeto grande com muitas letras ou acreditando não poder repetir letras na mesma palavra. Já no nível silábico, criança começa conscientizar-se da relação entre fala e escrita, entre aspectos gráficos e sonoros das palavras, dando valor sonoro a letras e sinais, ao escrever uma letra para cada sílaba pronunciada, ou para cada palavra numa frase.

No nível silábico-alfabético, há uma transição na qual a criança começa a escrever alfabeticamente algumas sílabas e mantém a hipótese silábica para outras. Passa a diferenciar sílabas de duas e mais letras, tendo dificuldades em separar palavras quando escreve frases ou textos. No nível alfabético, o aluno já domina a relação existente entre letra-sílaba-som e as regularidades da língua. Faz relação sonora das palavras, escreve do jeito que fala, oculta letras quando mistura a hipótese alfabética e silábica, apresenta dificuldades e problemas ortográficos. Finalmente, o nível ortográfico representa a língua adquirida, porém permanece em contínua construção, já que vamos adquirindo e dominando as irregularidades da língua no decorrer da vida.

Desse modo, Ferreiro e Teberosky (1999) estão entre os primeiros autores a ressaltar a perspectiva da criança, demonstrando que ela reflete, formula hipóteses, estabelece critérios, ou seja, atua ativamente em seu processo de aquisição da leitura e da escrita. A partir das considerações sobre as hipóteses e percursos operados pelas crianças, é possível traçar estratégias adequadas pelas quais o professor pode auxiliar a desenvolver a aprendizagem infantil, a partir das noções que a criança precisa adquirir para chegar ao nível seguinte. Na proposta de Ferreiro e Teberosky (1999), no nível pré-silábico a criança precisaria entender que a escrita é a representação de uma representação: ela representa a fala que por sua vez representa sonoramente o objeto, não se tratando de uma representação direta. Assim, uma das tarefas do professor seria auxiliar a criança a compreender que cada letra tem um valor sonoro, que se repete a partir dos sons pronunciados não existindo número mínimo ou máximo de letras. No nível silábico, a criança necessitaria perceber que a letra é a menor unidade da palavra – ela representa o fonema e não a sílaba –, além de identificar a relação entre fonema (som) e grafema (escrita) e superar critérios quantitativos. Já no nível alfabético, a criança precisaria perceber que, embora a escrita seja uma representação da fala, algumas palavras não podem ser escritas da maneira que as pronunciamos, sendo preciso confrontar os

elementos fonéticos e a escrita convencional para aperfeiçoar a grafia das palavras. Ferreiro e Teberosky (1999) abordam diversas atividades e recursos a serem utilizados pelo professor a fim de alcançar tais objetivos, demonstrando que dominar conhecimentos básicos sobre a psicogênese da língua escrita possibilita-nos desenvolver um processo de aprendizagem em que a criança se apropria de modo mais crítico e funcional da língua escrita.

Conhecer a perspectiva das crianças pode contribuir para saber o que já puderam construir, se estão avançando no desenvolvimento deste saber ou se estão paralisadas, quais são as suas necessidades no que diz ao favorecimento deste desenvolvimento, se as atividades a qual estão sendo submetidas diariamente na escola são adequadas a elas ou não. Materiais, atividades e estratégias, tais como jogos, cruzadinhas, leitura de textos e produções diversas, atividades ligadas a identificação de letras, palavras e frases, leitura, análise de textos literários, operam como recursos a partir de objetivos ligados à identificação e diálogo com a experiência da criança em seu processo de aprendizagem, possibilitando reconhecer seu percurso, suas dificuldades, suas apropriações, suas potencialidades.

### **A importância da Leitura e Escrita e o Caminho da Alfabetização No Brasil**

Segundo Soares (2004) Leitura e escrita são práticas complementares fortemente relacionadas, que se modificam mutuamente no processo de letramento – a escrita transforma a fala (a construção da “fala letrada”) e a fala influencia a escrita (o aparecimento de “traços de oralidade” nos textos escritos). São práticas que permitem ao aluno constituir seu conhecimento sobre os diferentes gêneros, sobre os procedimentos mais adequados para lê-los e escrevê-los e sobre as circunstâncias de uso da escrita. A relação que se estabelece entre leitura e escrita, entre o papel de leitor e de escritor, no entanto, não é mecânica, como se alguém que lesse muito fosse automaticamente alguém que escreve bem. Embora exista uma

grande possibilidade de correspondência entre leitura e escrita, é preciso o desenvolvimento da capacidade de interpretar o mundo para que a expressão escrita possa refletir plenamente o desenvolvimento do processo de pensamento. Desse modo, para que o trabalho do educador propicie a evolução do aluno, seria necessário compreender o processo de aprendizagem da perspectiva das hipóteses da criança, oferecendo conflitos e referências que permitam ao aluno rumar aos níveis seguintes.

Embora haja conhecimentos significativos sobre elementos importantes do processo de alfabetização, o caminho da Alfabetização no Brasil não tem sido satisfatório. As pesquisas apontam para o baixo desempenho do país em alfabetização. O Plano Nacional de Educação (PNE) determinava que o analfabetismo deveria ser erradicado até 2010. No Brasil, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) divulgada em (15/07/2020) pelo IBGE. Em 2019, a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade foi estimada em 6,6% (11 milhões de analfabetos).

Em 2010, o país aparecia em 88º lugar no índice de desenvolvimento da educação num programa aplicado pela UNESCO em 128 países, contemplando quatro indicadores de desenvolvimento da educação: atendimento universal, taxa de analfabetismo, igualdade de acesso à escola e taxa de sobrevivência. A taxa de sobrevivência à realização da etapa educacional inicial – do 1º ao 5º ano do ensino Fundamental – no tempo previsto e com as habilidades previstas, ou seja, plenamente alfabetizados. Nesse aspecto, o Brasil enfrenta sérios problemas, pois não consegue apresentar índices aceitáveis de garantia da aprendizagem a alunos do 1º ao 5º ano.

O Instituto Paulo Montenegro, juntamente com a ONG Ação Educativa (2011), foram parceiros na criação e implementação do Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) elaboraram uma classificação que descreve os níveis de alfabetismo no país, de acordo com suas habilidades em leitura/escrita e em matemática. Entre os não alfabetizados, apresentam-

se duas categorias: analfabetismo, que se refere à impossibilidade de realizar tarefas simples que envolvem leitura de palavras e frases, ainda que uma parcela consiga ler números familiares (números de telefone, preços, etc.) e alfabetismo rudimentar, que corresponde à capacidade de localizar uma informação explícita em textos curtos e familiares (como um anúncio ou pequena carta), ler e escrever números usuais e realizar operações simples, como manusear dinheiro para o pagamento de pequenas quantias ou fazer medidas de comprimento com a fita métrica.

Já os alfabetizados funcionais seriam aqueles capazes de utilizar a leitura e a escrita para fazer frente às demandas de seu contexto social, bem como continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida (Soares, 1995). O alfabetismo funcional inclui duas categorias. O alfabetismo básico designa a leitura e compreensão de textos de média extensão, localização de informações mesmo que seja necessário realizar pequenas interferências, leitura de números na casa dos milhões, solução de problemas envolvendo uma sequência simples de operações e noção de proporcionalidade, porém limitações quando as operações requeridas envolvem maior número de elementos, etapas ou relações. Já o alfabetismo pleno se refere a pessoas cujas habilidades não mais impõem restrições para compreender e interpretar elementos usuais da sociedade letrada: leem textos mais longos, relacionando suas partes, comparam e interpretam informações, distinguem fato de opinião, realizam inferências e sínteses. Quanto à matemática, inclui-se a resolução de problemas que exigem maior planejamento e controle, envolvendo percentuais, proporções e cálculo de área, além de interpretar tabelas de dupla entrada, mapas e gráficos.

Assim, a questão não é mais apenas saber se as pessoas sabem ou não ler e escrever, mas também o que elas são capazes ou não de fazer com essas habilidades. Isso quer dizer que, além da preocupação com o *analfabetismo*, problema que ainda persiste nos países mais pobres e no Brasil, emerge a preocupação com o alfabetismo funcional, ou seja, com

incapacidade de fazer uso efetivo da leitura e da escrita nas diferentes esferas da vida social. Um dos grandes problemas que o Brasil vem enfrentando é o de que a cada dia formam-se cada vez menos pessoas alfabetizadas funcionalmente. É considerada alfabetizada funcional a pessoa capaz de utilizar a leitura e a escrita para fazer frente às demandas de seu contexto social e usar essas habilidades para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida (Soares, 1995).

A preocupação com a qualidade educacional da população e com a capacidade de utilizar as habilidades de leitura e escrita no desenvolvimento educacional e social deve-se às suas importantes consequências sociais. Assim, a leitura democratiza a sociedade porque amplia o acesso à diversidade e complexidade humana, e assim nos torna mais compreensivos e tolerantes – condições essenciais para democracia cultural (Soares, 2004).

Segundo (Zilberman, 1988), a condição de leitor é requisito indispensável à ascensão a novos graus do ensino e da sociedade ampliando as chances de uma trajetória bem-sucedida do ponto de vista da realização pessoal e econômica. É através da leitura que são formados cidadãos críticos e seletivos em busca de um melhor aprendizado sociocultural. Pela leitura, é possível esclarecer e defender ideias, alterar opiniões e adquirir informação. As pessoas letradas têm maiores oportunidades e maior inserção no mundo profissional. Por esse motivo, fica evidente que devemos sim investir em medidas para facilitar o acesso e a compreensão da população brasileira à leitura. Não basta apenas formarmos cidadãos que saibam ler e escrever mais sim cidadãos que sejam capazes de ler e interpretar elementos usuais da sociedade letrada. Segundo Souza, B. D. P. (2020) a partir do início da adolescência, ler pouco ou quase nada é um fator de risco social e vulnerabilidade frente aos apelos da criminalidade. Sendo assim, as pessoas letradas têm maiores oportunidades e maior inserção no mundo profissional, enquanto o analfabetismo vem se tornando um importante fator de exclusão social nos grandes centros urbanos.

A importância da escrita deve ser encarada não apenas em função de seu papel como meio de comunicação e expressão, mas também como instrumento de um pensamento adaptado às novas exigências do progresso tecnológico. Se existe uma relação entre o mercado de trabalho e a leitura e, conseqüentemente, a escola, é preciso, nessa nova necessidade global, procurar oferecer para o maior número possível de pessoas uma formação intelectual que desenvolva a utilização de operações abstratas e, portanto, um domínio melhor da língua escrita, cujo exercício torna viável esse modo de pensamento. (Foucambert, 1997 citado por Britto, 2005).

De acordo com Souza (2020), podemos entender que faz-se necessária a discussão sobre os principais problemas enfrentados no cotidiano das escolas em relação às dificuldades de desempenho dos brasileiros na educação evidenciando assim sua importância social. Queixas de aprendizagem muitas vezes se relacionam à sobrecarga de professores, excesso de alunos por turma, limitações técnicas do corpo docente na compreensão do processo de alfabetização, privilégio da cópia como instrumento de controle institucional em detrimento da reflexão do aluno, falta de atenção individualizada, falta de uma oferta de estrutura e apoio social adequados para a manutenção do processo de aprendizagem, tanto para alunos quanto para professores, exigências avaliativas que não correspondem ao estágio efetivamente alcançado pela criança, entre outros. É preciso que nós, psicólogos, fiquemos atentos para que nossos atendimentos não estejam a serviço da ocultação de funcionamentos escolares insatisfatórios ou danosos, através da psicologização das dificuldades de alfabetização — e outras queixas de origem escolar.

De acordo com Azenha (2010), as dificuldades de alfabetização produzidas no interior das instituições escolares muitas vezes se refletem também na relação que os alunos passam a estabelecer com a escola. Queixas de desatenção têm muitas vezes a função de afastamento das situações escolares enfadonhas e sem sentido vivenciadas em estágios em

que as respostas exigem interpretações de textos de crianças que ainda se encontram no momento intermediário de aquisição da língua escrita. Nesse contexto, corre-se ainda o risco de que os próprios mediadores cooperem para a construção da descrença desta criança sobre sua capacidade de aprender. Muitas vezes estas crianças já possuem quase todas as informações necessárias para ler e escrever, faltando espaço e estrutura institucional para poder investigar, pensar e experimentar os seus conhecimentos e assim tornarem-se capazes de operar a escrita adequadamente.

A queixa de dificuldades na alfabetização é das mais frequentes como motivo de encaminhamento de crianças/jovens ao atendimento psicológico. Sabemos que a escola brasileira não tem sido eficiente em sua tarefa básica de ensinar a ler, escrever e contar e frequentemente os profissionais de saúde são chamados a buscar soluções nos aspectos individuais da criança, desconsiderando o contexto social e pedagógico do processo de aquisição da leitura e da escrita.

Tais práticas levam frequentemente à medicalização da educação, sendo necessário que tais profissionais estejam atentos e bem-informados para não contribuir para a culpabilização infantil das dificuldades de alfabetização. Não é possível aprender a ler e a escrever sem entender o que a língua escrita representa e como funciona essa representação, mas é possível fazê-lo com várias dificuldades nas funções psiconeurológicas. Assim, muito mais do que o desenvolvimento de exercícios para estas funções, é a exposição do aprendiz ao universo da escrita e da leitura que mais favorecerá esta aprendizagem.

Nesse contexto, Soares (2004) nos informa que o ensino deve ter como meta formar leitores críticos que sejam também capazes de produzir textos coerentes, coesos, adequados e ortograficamente escritos. A escrita também deve ser trabalhada para que os alunos possam perceber a infinidade de formas e variedades que a língua pode adquirir de acordo com a

imaginação de quem escreve. A partir de uma visão de funcionalidade da língua, os alunos podem escrever com mais criatividade e segurança.

O ser humano utiliza muito da escrita para se comunicar casual ou formalmente e ter a consciência de como se comunicar por meio da escrita para ser compreendido e construir sentidos é algo que serve para a vida escolar, profissional e pessoal. A leitura é responsável por contribuir, de forma significativa, para a formação do indivíduo, influenciando-o a analisar a sociedade, seu dia a dia e, de modo particular, ampliando e diversificando visões e interpretações sobre o mundo, com relação à vida em si mesma.

A leitura não deve ser concebida como um processo de decodificação, por envolver-se muito mais do que apenas aspectos de decodificação do escrito. Ela proporciona ao leitor, o contato com o seu significado seguindo seu conhecimento de mundo, possibilitando assim, afirmar que todos, ao lerem o mesmo conteúdo, obterão compreensão e interpretação diversificadamente, ao interagir com o texto. A leitura constitui também uma prática social, pela qual o sujeito, ao praticar o ato de ler, mergulha no processo de produção de sentidos, e esta tornar-se-á algo inscrito na dimensão simbólica das atividades humanas.

Sendo assim, falar em atividades humanas, aqui, é tratar de uma linguagem, do recurso pelo qual o homem adentra o universo da cultura, configurando-se com um ser culto, racional e pensante. Nesse sentido, conhecer o desenvolvimento do processo de pensamento e elaboração das vivências em torno da aprendizagem consiste em um fator importante de contribuição para o desenvolvimento de estratégias que promovam a capacidade interpretativa da linguagem e da relação entre as palavras e o mundo que elas designam.

Para Orlandi (1995), o sujeito leitor é quem, em sua preexistência, se torna produtor da interpretação do texto, ao mesmo tempo em que, coloca-se como contemporâneo a ele, produzindo leitura, especificamente de sentido, garantindo sua eficácia, organizando-se com seu conhecimento de um eu-aqui-e-agora, relacionando-se com ele sem perder sua

originalidade. A leitura permite o despertar de sentimentos e emoções, inspirando-nos a um ambiente repleto de possibilidades formuláveis, tantas quantas vezes forem necessárias, haja vista, o leitor, permitir-se conhecedor da sua aptidão em maior escala de pretensões, estabelecendo desta maneira, uma sólida relação de dados concisos, permitindo-se inferir, comparar, questionar, relatar e observar a essência do conteúdo.

Orlandi (1995) Justifica ainda, que o leitor é agente ativo da constante busca de conhecimento, e necessita afirmar sua posição social, cultural e humana dentro do contexto que preconiza, sem fragilizar a pluralidade intelectual. Cabe à escola organizar, criar e adequar, em sua grade curricular, propostas e estratégias efetivas de leitura, favoráveis à formação de leitores competentes, estando atenta às questões sociais em que ela estiver ausente. No contexto brasileiro de desigualdade, em que as falhas educacionais são produtoras e conseqüentes da exclusão social e cultural é ainda mais importante que a escola assuma a função de desenvolver no educando a capacidade de aprender, estruturando suas práticas pedagógicas com vistas à formação cidadã do indivíduo. Isso inclui uma estrutura que envolva profissionais qualificados, um sistema contínuo de troca de informações, bibliotecas com acervo capaz de suprir as demandas da leitura e outros ambientes de apreciação da escrita onde haja circulação e aproveitamento de conteúdo escrito.

Na visão de Soares (1999), para haver escola, faz-se necessária adequada escolarização, substancial conhecimento, aquisição de saberes, responsabilidade, integridade e respeito, acima de tudo com os estudantes e a representatividade que ela, instituição mediadora dos alicerces do conhecimento, desempenha no atual cenário cultural, político e social da esfera a qual pertence. Convém lembrar ainda, a advertência ao processo de escolarização, submeter-se ao modo de *como e para que* aprendemos, ser inevitável, haja vista tratar-se da fundamentação escolar para a qual foi instituída e constituída, não havendo

maneiras de evitar que o *saber escolar* floresça, contribuindo, substancialmente, para a formação do caráter dos cidadãos.

A esse respeito Zilberman (1995), afirma que a leitura se concretiza ao criarmos conceitos de produção para entendimento das narrativas, e somente na interação dos interlocutores com a discursividade, definir-se-ão condições e fatores adequados que efetivarão o processo de ler. Constituir a leitura, a partir de experiências, é reconhecer as diferenças sem discriminá-las, facultando ao leitor, à medida que praticá-la, constituir-se, representar-se e identificar-se sujeito ativo e participativo num determinado grupo social.

Segundo Asbahr (2016) O real significado de um texto escrito não se encontra apenas nas palavras e no pensamento do escritor, mas na interação que surgirá entre o texto e compreensão de seu leitor. Para um leitor em pleno uso da língua, um texto não terá significado apenas no âmbito do que o texto apresenta pura e simplesmente, mas engloba dimensões que se concretizam na escrita, desde relações estabelecidas com outros conhecimentos e contextos até a compreensão dos sentidos plantados nas entrelinhas. O leitor deverá ser capaz de extrair da leitura diferentes acepções ao interpretar o universo escrito, incluindo-se em um contexto reflexivo em que vivências diferentes do autor e do leitor se contextualizarão em simbologias não necessariamente idênticas.

### **O Papel de Mediador da Leitura e seus Desafios**

Tão importante quanto formar bons leitores, será o desafio dos mediadores em sensibilizá-los para a grandeza da leitura. Cabe aos mediadores pensar a leitura, basicamente, em relação ao fato de que esta faculta, ao ser humano, seu sucesso, tomada de consciência e seu status, tornando-se essencial para o seu cotidiano. Dessa forma, a escola deverá propiciar condições adequadas e meios condizentes para que tais convívios ocorram, com a finalidade aprimorar a construção do conhecimento significativo. Convém, no entanto, que o professor pense o conhecimento desenvolvido como contribuição para o desempenho futuro de

cidadãos conscientes junto a um corpo social no qual comportamentos e valores desafiam o potencial educativo dos sujeitos. Conceber a leitura, direcionando o leitor ao discernimento, a fim de promover a construção de sentidos entre elemento humano e narrativa, requer um olhar atento em relação aos estudos e discussões, realmente necessários para ensinar a assimilar as bagagens inescusáveis em relação ao verdadeiro significado do texto. Percebendo haver tal junção, torna-se indispensável tramar antecipações e hipóteses, com a finalidade de fortalecer a competência leitora para reafirmar valores, conjugando habilidades e alicerçando saberes competentes.

Cabe ao mediador, conferir, de fato, que toda a narrativa em relação à leitura, possui diversos segmentos de entrada (multiplicidade de colocação do sujeito), e saída (diferentes percepções e atributos de sentido). Tais fundamentos fornecem subsídios necessários ao leitor, permitindo-lhe que percorra diversos direcionamentos, nem sempre previsíveis nem tampouco, sistematizados, mas providos de perspectivas passíveis de entendimento, os quais o colocarão em posição de sujeito-leitor-ativo. Essa alternativa produzirá sentido à criança, conferindo-lhe uma relação dinâmica entre *construir* e *formular* significação acerca da leitura inteligível, interpretável e compreensível.

É preciso compreender a leitura como elemento fundamental para a aproximação do leitor com o mundo que o cerca e que a prática proporciona o alargamento de possibilidades para sua efetivação. Abordar a leitura como finalidade geradora de perspectivas pode proporcionar parcerias importantes que viabilizam o diálogo entre leitor e autor. Fica, pois, claro que é perfeitamente possível, aceitar o fato de que dominar o saber e qualquer informação loquaz, fundamenta-se na decorrência de introdução da narrativa, em suas variadas formas de expressividade, observadas as adequações do outro, independente da capacidade de inteligibilidade, descrição do material utilizado, e estratégias persuasivas para a

mediação da leitura, ser de total e irrevogável cumplicidade do professor, redefinir a caminhada e descoberta da comunicabilidade social, cultural e pessoal de seus educandos.

Averiguar a fala da própria criança na produção acadêmica no processo de aquisição da linguagem escrita se torna relevante, pois é dado muito destaque ao papel do professor no processo de alfabetização, porém não evidenciamos a experiência da própria criança em relação a sua aprendizagem. A compreensão da experiência da criança pode permitir o desenvolvimento de uma visão mais integrada sobre os processos de alfabetização e favorecer a identificação dos problemas de aprendizagem dessas crianças. Sendo assim visamos evidenciar o protagonismo e as dificuldades enfrentadas pela criança durante o processo da aquisição da escrita, mostrando aspectos nos quais o processo educacional na aquisição da leitura e da escrita pode ser melhorado. Tendo como objetivo evidenciar as produções já feitas a respeito da perspectiva da criança no processo de aquisição da linguagem escrita.

## 2. Metodologia

Com o intuito de averiguar o conhecimento produzido sobre a perspectiva da criança no processo de aquisição da linguagem escrita, foi adotada a Revisão Sistemática da Literatura (RS), que se caracteriza como um método de revisão da literatura que garante à pesquisa científica maior confiabilidade e reprodutibilidade, pois, de acordo com Briner e Denyer (2012, p. 112):

Uma revisão sistemática aborda uma questão específica, utiliza métodos explícitos e transparentes para realizar uma pesquisa detalhada de literatura e avaliação crítica de estudos individuais, e desenha conclusões sobre o que atualmente conhecemos e não conhecemos sobre um determinado tópico ou questão.

A revisão de literatura realizou-se a partir de busca por palavras-chave abrangendo trabalhos publicados entre os anos de 2007 a 2022, visando focalizar a produção científica mais recente como indicativo do modo como o tema vem sendo abordado na atualidade. A pesquisa elegeu ainda bases de dados nacionais de grande repercussão, tendo em vista que o foco da pesquisa é a compreensão da alfabetização no contexto brasileiro e que bases de dados de ampla abrangência alcançam grande número de profissionais da área em virtude de sua evidência e capilaridade. Desse modo, foram consultadas as seguintes bases de dados: BVS-Psi, Scielo Brasil, Portal Capes e PePSIC.

Para seleção das publicações a serem analisadas, foram inicialmente excluídas as publicações repetidas e lidos os resumos de todo o material encontrado por meio das palavras-chave, sendo selecionados aqueles que, no texto do resumo, abordassem a participação e as dificuldades das crianças durante o processo de alfabetização e/ou letramento. Cabe ressaltar que algumas publicações selecionadas não possuíam a perspectiva da criança como foco principal de estudo, porém iam de encontro com o objetivo da presente pesquisa na medida em que abordaram a perspectiva da criança como tema transversal de análise. Nesse processo,

foram encontrados 13 documentos que preencheram os critérios de inclusão e exclusão, compondo o corpo de trabalhos selecionados e analisados. A tabela 1 mostra os dados coletados pela pesquisa.

Tabela 1:

**Dados coletados na pesquisa**

<b>Palavras-Chaves</b>	<b>Scielo Brasil</b>	<b>BVS-Psi</b>	<b>Portal Capes</b>	<b>PePSIC.</b>	<b>Publicações selecionadas</b>
“Perspectiva da criança” “alfabetização”	4 artigos	6 Teses 1 Livro	3 artigos	1 artigo	Nenhum
“Perspectiva da criança” “letramento”	0 artigos	1 tese	449 resultados	0 artigos	1: (Silva, 2020)
“Perspectiva da criança” “aquisição da leitura”	1 artigos	3 teses 1 livro	aqui+persp 4 artigos persp+aquisi 33 artigos	0 artigos	1: (Pereira & Alencar, 2017)
“Perspectiva da criança” “aquisição da escrita”	1 artigos	2 teses 1 livro	3 artigos	3 artigos	Nenhum
“Experiência da criança” “aquisição da leitura”	0 artigos	2 livros	30 resultados	12 artigos	Nenhum
“Experiência da criança” “aquisição da escrita”	0 artigos	2 livros	35 resultados	7 artigos	1. (Bortolanza, & Freire, 2019).
“Experiência da criança” “alfabetização”	2 artigos	1 Livro	"exp+alfab" 3 respostas sem aspas 844 respostas	1 artigos	3: (Correa & MacLean, 1999); (Fronckowiak, & Barbosa, 2021); (Cruz & Albuquerque, 2011).
“Experiência da criança” “letramento”	0 artigos	1 artigos	“Expe” “letra”7 resultados Expe “letra” 745 resultados “Exper” letra) 9 resultados	0 resultados	5: (Barros. & Spinillo, 2011); (Mendonça & Oliveira, 2016); (Nörnberg & Gonçalves, 2018); (Moreira, 2009); (Souza & Franco, 2005).
“ótica da criança” “alfabetização”	0 artigos	1 artigos	263 resultados	0 resultados	Nenhum

“ótica da criança” “letramento”	0 artigos	0 resultados	123 resultados	0 resultados	Nenhum
“ótica da criança” “aquisição da leitura”	0 artigos	1 artigos	12 resultados	14 resultados	Nenhum
“ótica da criança” “aquisição escrita”	0 artigos	1 artigos	7 resultados	17 resultados	1: (Mota, 2007)

Os principais elementos podem ser observados na tabela 2:

Tabela 2:

### Elementos dos Artigos

Artigo	Objetivos	Metodologia	Principais Resultados	Aspectos acerca da ótica da criança
Mendonça (2016)	Discutir a alfabetização que vem sendo promovida no Brasil e as razões para a persistência do analfabetismo após três a cinco anos escolares.	Análise de materiais voltados ao primeiro Ciclo da Educação Básica produzidas pelo PNAIC/Alfabetização e comparação com Projeto de Extensão em escola Fundamental Municipal (Ciclo I) que promoveu alfabetização bem-sucedida junto a alunos com histórico de fracasso escolar (apenas 55% dos alunos de 5º. ano no nível alfabético).	Problemas do material do PNAIC/ Alfabetização: métodos próprios à pesquisa e não ao ensino, pouca ênfase na ação do professor, incentivo à cópia ao invés do texto autoral, falhas na análise linguística. O método desassistiu a criança e a responsabiliza pela aprendizagem. Já no projeto extensionista, usou-se metodologia de assistência efetiva do aluno, com bons resultados: aumento de 9,3% para 79% de alfabetizados em 2015 nos 1ºs e 2ºs anos. 3º, 4º e 5º anos concluíram 2015 com 93,7% crianças alfabetizadas.	Nas atividades de pesquisa e de ensino, a criança ocupa lócus de experiência distintos. Quando a criança ocupa o lugar próprio à atividade de pesquisa no contexto de ensino, acaba sendo exigida a aprender sem suporte e é cobrada por algo que não foi propriamente ensinado, levando a uma experiência de abandono, insegurança sobre o processo e maior dificuldade para uma aprendizagem efetiva.
Barros (2011)	Investigar a contribuição da	Aplicação de duas tarefas em crianças	As crianças exibiram saber limitado sobre textos, seus	Seria necessário desenvolver o contato com

educação com diferentes anos gêneros e seus portadores. textos mesmo antes da infantil para o de escolaridade da Os anos de educação alfabetização regular, pois letramento em educação infantil, infantil não desenvolveram a criança convive com a crianças ainda referentes à este conhecimento. sociedade letrada. Segundo não identificação de Conclui-se que a educação a pesquisa, a educação alfabetizadas. portadores de textos infantil não contribuiu para infantil não tem cumprido (livros, folhetos etc.) o desenvolvimento do esse papel. e sua função, bem letramento no caso como gêneros estudado. textuais e critérios de classificação.

---

Pereira & Alencar (2017). Refletir sobre a importância da leitura nos anos iniciais para a aquisição da linguagem e para formação de leitores com o hábito de ler desde o início de sua vida escolar.

Discussão teórico conceitual que considera a leitura como processo de interação autor-texto-leitor, indispensável no processo de aprendizagem.

Para a pesquisa, falta conscientização da sociedade sobre o papel da leitura em seus diversos contextos e o quanto a mesma é essencial para desenvolvimento intelectual da criança em seus diversos aspectos e possibilidades.

Por tratar-se de texto teórico, elabora poucas considerações sobre a criança. Toma-se o leitor como agente ativo, colocando nesse lugar também a criança e defendendo textos e processos associados ao universo lúdico.

---

Mota (2007). Apresentar os principais argumentos das duas correntes teóricas sobre o processo de aquisição de leitura e escrita: a alfabetização e o letramento. Propor uma concepção de que adquirir a escrita envolve ambos, letramento e

Análise de artigos de 1980 a 2006, encontrados em bases científicas de dados, sobre a relação entre processamento metalinguístico, letramento e alfabetização. Localização via descritores, seleção de material representativo das duas vias teóricas e livros clássicos sobre a relação entre

A partir dos artigos analisados, o artigo discute o conceito de letramento e suas consequências, as definições, o sentido e a metodologia envolvidas no processo de alfabetização, suas articulações com a vida social e o papel das habilidades metalinguísticas no processo de alfabetização

Refletir sobre a língua requer atuar com materiais pertencentes ao repertório infantil, visando dialogar com o cotidiano. O ensino das regras sobre grafema e fonema é crucial para a aquisição da leitura e requer práticas diretivas, mas o uso de textos significativos é crucial ao letramento, permitindo à criança significar o texto.

alfabetização, consciência em todos os metalinguística e seus aspectos: aquisição da leitura. sociais, cognitivos e afetivos.

Nörnber & Gonçalves (2018)	Compreender a dimensão adquirida pelo lúdico na proposta pedagógica de roteiros de leitura com crianças do ciclo de alfabetização. Investigar o que as crianças envolvidas pensavam sobre o trabalho com a literatura infantil e analisar os sentidos que elas atribuíam para essa vivência.	Mapeamento e análise da criação, planejamento, execução e reflexão da professora, via diários de classe, portfólios, registros em blog pessoal e página no Facebook com publicações das atividades. Grupo focal com escuta e registro sobre o que pensavam as crianças que participaram do trabalho, com dados trabalhados via análise interpretativa. Pretendeu-se falar com as crianças, dando voz às crianças participantes para desvelar os sentidos atribuídos à práxis pedagógica.	A criação de um grupo focal com as crianças evidenciou o registro das falas e a reflexão sobre o que as crianças vivenciaram durante este período. Demonstrando assim o gosto das crianças pelo contar histórias. Outro fator trazido à tona foi a ocorrência de episódios de violência vividos quando estas estavam sem a supervisão de um adulto. Sendo assim o gosto pela leitura se articula, na voz das crianças, não esquecendo da importância da figura do professor, que através de um material bem escolhido é capaz de estimular a imaginação e provocar interesse e identificação nestas crianças através das atividades realizadas	Este trabalho se diferencia dos outros pois ouve a criança como portadora de uma análise sobre o próprio processo de aprendizagem via grupo focal. Enxergar a criança como alguém que já é, e não como alguém que será, muda a forma como as propostas pedagógicas são pensadas. Trazer o conceito de criança-como-alguém-rico-de-saberes-e-fazer faz com que se tenha de abrir mais espaços para a sua voz e os seus fazeres.
Bortolan & Freire (2019).	Analisar gestos da escrita de uma criança de	Estudo etnográfico qualitativo, voltado para as interações	O estudo mostrou o paradoxo entre significar a escrita na vida e decifrar o	Este artigo destaca que são necessárias situações e atividades significativas

seis anos que verbais entre as código alfabético na que criem as condições frequentes o crianças e a escola. Ivo mostrou desejo adequadas para a primeira o pesquisadora. As de aprender uma escrita aprendizagem da escrita, Ensino crianças foram com significado. Ao isto é, a imersão da criança Fundamental, observadas escrever a palavra HULK, na cultura escrita e a em 2015. estudando-se suas vivencia seu significado, presença de mediadores Compreender relações com a escrita refere-se ao personagem, para que ela se aproprie de como as nas atividades seus poderes e o vê como conhecimentos sobre ela. crianças se cotidianas, em herói. Os outros três gestos Tendo em vista a criança apropriam da diferentes tempos de escrita expuseram como sujeito ativo de seu escrita em durante as atividades apenas junções de letras, aprendizado sendo contextos na escola. reproduções do alfabeto e necessário maior a sua educativos das vogais e não tinham participação no formais e significado para ele. desenvolvimento de sua informais, Assim, mostram-se própria inteligência e investigando a indícios de que o processo personalidade e eficácia de programas e de alfabetização escolar não criou condições de métodos de apropriação da escrita como meio para significar ensino que possibilitam o mundo. mostrar como se desenvolve o processo da criança ao se apropriar da escrita.

Silva (2020).	Investigar a relação entre avaliação e progressão das aprendizagens acerca da escrita e a (des)consideração da relação entre os conhecimentos sobre a escrita na avaliação ao	Entrevistas com duas docentes do terceiro ano do ciclo de alfabetização, observações de aulas e atividade de escrita (palavras e textos) com as crianças das duas turmas.	Os resultados indicam métodos de ensino semelhantes das professoras. Todas as crianças agregaram mais conhecimentos sobre escrita e produção textual ao final do ano letivo, terminaram o ano na hipótese alfabética e mostraram progressão em relação à escrita alfabética e à norma ortográfica.	O texto discute majoritariamente o papel dos adultos no processo de alfabetização, as especificidades das teorias e métodos de alfabetização aplicadas à produção textual das crianças e uma crítica ao método de avaliação escolar. Sobre a perspectiva da criança, a única consideração é a necessidade de organizar
---------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

final do ciclo de alfabetização.

Para isso, discutimos a relação entre alfabetização, organização escolar e progressão e consolidação do processo de alfabetização.

Apesar disso, as crianças das duas escolas que estavam, no perfil final, na categoria Alfabética I e II foram retidas por não terem ainda autonomia em produção textual.

as atividades considerando um atendimento ajustado aos conhecimentos e dificuldades das crianças.

<p>Fronckowi ak,&amp; Barbosa (2021).</p>	<p>Discussão teórica sobre a relevância de práticas de formação para a leitura desde a infância, abordando as influências das concepções educativas adultas na transmissão do contato com a leitura para as crianças, o que as transforma em atividade tediosa. Introduz teorias a respeito do valor poético da vocalidade e da imaginação para a leitura, que oferecem maneiras de compreender a</p>	<p>Análise conceitual e teórica de conceitos sobre o tema, com base em trabalhos teóricos sobre a fenomenologia da voz e a fenomenologia da imagem.</p>	<p>O artigo discute diversas óticas, nem sempre convergentes, sobre a formação de leitores. A inserção das crianças no universo da leitura é transpassada por aspectos políticos, sociais, educacionais, econômicos, dentre outros. Assim, quando conceitos educacionais teóricos são tomados como generalizados e atemporais, se tornam contraditórios à ação educativa. Crítica a pobreza de contextos literários são trazidos à criança discutindo. A escolha de textos medíocres obriga à experiência de língua reduzida a uma mecânica de letras, e assim o “bom texto” seria capaz de gerar para a criança o prazer da leitura, estimular a</p>	<p>O processo de plena formação leitora desde a infância requer o trabalho com elementos significativos para as crianças. Muitas vezes, o modo como os adultos guiam a criança nesse aprendizado pautar apenas nas suas referências, tornando o processo tedioso. Pela imaginação e pela vontade, as crianças podem encontrar as vozes que lhes falam, encontrar suas próprias vozes e construir uma consciência de devaneio. O artigo afirma a necessidade de espaço para que as crianças nas interações que fazem com outras crianças e adultos, trabalhem com o legado cultural e com a oralidade nas escolas, bem como a relevância de investigar a cultura literária e as experiências</p>
-------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

relação das crianças com o conhecimento e sobre os modos como compartilham sua leitura.

criatividade e permitir com a palavra oral e sentido, requerendo escrita, oferecidas às exercitar duas funções crianças na escola. psíquicas: a imaginação e a vontade. Pelas fenomenologias da voz e da imagem, com, pode-se compreender o compartilhamento desses sentidos.

Moreira (2009).	Revisão dos estágios de aquisição da escrita à luz da Linguística Aplicada, fornecendo uma alternativa dos estágios ferreirianos.	Pesquisa de campo e experimental realizada ao longo do ano letivo de 2006, com 20 crianças de escolas públicas da cidade de Salvador, em cinco encontros periódicos individuais de produção escrita e do diário parental de seu próprio filho JP, dos 10 meses aos 8 anos.	O percurso da aquisição da escrita inicia-se com a ausência de relação grafo-fônica, passando por uma série de etapas cíclicas de relações som/letra, até atingirem as relações ortográficas, cuja dependência som/grafia é superada.	O artigo evidencia a compreensão de como a criança constrói progressivamente suas hipóteses sobre a escrita. Debate os efeitos positivos e os equívocos que as teorias ferreirianas deram origem. Propõe uma alternativa aos estágios de aprendizagem da escrita, levando em conta a influência da psicogênese.
Cruz, & Albuquerque, (2011).	Objetiva verificar a apropriação da escrita por alunos do 1º ciclo tanto no domínio do Sistema Escrita Alfabética (SEA) quanto à capacidade de produzir textos.	Participaram da pesquisa 60 alunos de uma escola. Como procedimentos metodológicos, foram utilizadas duas atividades diagnósticas: um ditado mudo e uma atividade de reescrita de texto	A maioria dos alunos concluiu o ano na fase alfabética de escrita, expondo razoável domínio das correspondências grafofônicas diretas. As crianças do 1º ano mostraram melhor desempenho em produção textual.	Considera que, embora o processo de alfabetização comece antes do ingresso da criança na escola, é nela que a criança tem acesso à língua escrita sistematizada. Defende o “alfabetizar letrando”: a apropriação do SEA deve ser acompanhada da ampliação de experiências de letramento que incluam diversos gêneros na leitura e produção textual.

A análise dos dados foi efetuada iniciando-se uma leitura atenta do material para familiarização e conhecimento, seguida de uma classificação que buscou elencar os principais elementos de cada artigo, tais como a abordagem teórica, os objetivos, a metodologia, os principais resultados e discussões e os elementos específicos sobre a experiência da criança. Em seguida, foram realizados resumos e tabelas que permitissem uma visualização geral dos dados. A partir desse processo, foram classificados os principais elementos significativos concernentes à investigação sobre a perspectiva da criança nos aspectos metodológicos, teóricos e analíticos dos artigos analisados.

### 3. Análise

Dos dez artigos selecionados, dois foram artigos teóricos produzidos em conjunto por linguistas e pedagogos, apenas o artigo 4 apresentou revisão de literatura e seis apresentaram algum tipo de pesquisa de campo. Desses seis, um foi produzido por psicólogas, um foi produzido por uma pedagoga e os outros foram feitos com um misto de Pedagogos, Psicólogos e Linguistas. Sendo assim fica evidente que a maioria dos artigos foi produzida por uma visão de pedagogos, os quais evidenciaram a narrativa do professor e da escola a respeito da alfabetização/letramento. A distribuição por tipo de artigo e autoria se encontra na tabela 3:

Tabela 3:

#### Distribuição dos Artigos

Artigo	Tipo	Autor
Artigo 1 Mendonça (2016)	Análise documental e relato de experiência	Linguista e Pedagoga
Artigo 2 Barros (2011)	Pesquisa de campo	Psicólogas
Artigo 3 Pereira & Alencar (2017).	Ensaio teórico	Pedagogo e Linguista
Artigo 4 Mota (2007).	Revisão de literatura	Psicóloga
Artigo 5 Nörnber &	Pesquisa de campo	Pedagoga e Linguista

Gonçalves

(2018)

---

Artigo 6	Pesquisa de campo	Psicóloga e Linguista
----------	-------------------	-----------------------

Bortolan &  
Freire (2019).

---

Artigo 7	Pesquisa de campo	Pedagoga
----------	-------------------	----------

Silva (2020).

---

Artigo 8	Ensaio teórico	Pedagoga e Linguista
----------	----------------	----------------------

Fronckowiak,&

Barbosa

(2021).

---

Artigo 9	Pesquisa de campo	Linguista
----------	-------------------	-----------

Moreira  
(2009).

---

Artigo 10	Pesquisa de campo	Pedagoga e psicóloga
-----------	-------------------	----------------------

Cruz, &  
Albuquerque,  
(2011).

---

Classificamos inicialmente os artigos em três tipos de produções: produções teóricas que em geral colocam em embate duas perspectivas ou metodologias e advogam por um terceiro posicionamento, produções que investigam instituições educacionais como campo de pesquisa e discutem suas potencialidades, limitações e problemas e, finalmente, produções que abordam experiências de aprendizagem incluindo as crianças e dando voz efetiva a elas. Nessa última, há uma gradação, tendo numa ponta pesquisas que colocam a criança no papel de objeto da pesquisa até pesquisas em que se dialoga efetivamente com a criança, identificando-se uma diferença entre falar *da* criança e falar *com* a criança.

Dentre os aspectos teóricos mais citados estão as contribuições de Emília Ferreiro sobre as etapas de aquisição da escrita pela criança, as concepções de Soares a respeito do letramento e contribuições de outros autores clássicos como Piaget, Vygotsky, Leontiev, Luria e Paulo Freire a respeito da educação, do desenvolvimento, da aprendizagem e do processo de alfabetização. Destacam-se também os estudos de Bakhtin sobre a linguagem, que trazem uma relevante contribuição sobre a significação social na apropriação da escrita. Também foram discutidas as fenomenologias da voz, a partir de Paul Zumthor, e da imagem, com Gaston Bachelard, que evidenciam o valor poético da vocalidade e da imaginação para a leitura, que se fundamenta na organicidade da ação poética da voz e da palavra adultas, através das quais, sem negar os valores de expressão e de explicação e não se limitando a eles, sublinha a estreita ligação entre corpo, linguagem e mundo nos processos de formação do leitor.

Em geral, o embasamento teórico adotado aborda relações entre educação e sociedade, o caráter dialógico tanto no contexto da aprendizagem quanto na esfera do uso e desenvolvimento da linguagem e da escrita, abordando as múltiplas dimensões sociais, interacionais e simbólicas do processo de aquisição da leitura e da escrita no âmbito de um contexto relacional entre indivíduo e sociedade. Desse modo, podemos compreender que, do ponto de vista teórico, os artigos argumentam em sua maioria pela educação inserida em um processo interacional entre indivíduo e sociedade, marcado pela dimensão simbólica, pela dialogia e pelos atravessamentos do contexto social, histórico e político.

Entre os diversos dados, análises e comentários elaborados em relação à experiência da criança destacam-se seis temas: vivência da criança em instituições e como as políticas educacionais as atingem, relação entre alfabetização e experiência da criança no contexto de vida, influência dos recursos de aprendizagem na alfabetização, posicionamento da criança

em relação ao texto, papel do professor na jornada da criança e Relato das próprias crianças sobre suas experiências.

### **Vivência da criança em instituições e como as políticas educacionais as atingem**

Em relação às considerações acerca da vivência da criança em instituições e como as políticas educacionais as atingem, encontramos três artigos. O artigo 1: Mendonça (2016) abordou conflitos entre as cartilhas e materiais constituintes do PNAIC/Alfabetização do Ministério da Educação destinados ao primeiro Ciclo da Educação Básica e as necessidades infantis no processo podendo gerar uma vivência de desamparo para a criança, que se vê desassistida ao ser responsabilizado por conduzir seu próprio processo de aprendizagem. O artigo 2: Barros (2011) destaca as dificuldades das instituições de Educação Infantil no sentido de promover o letramento, bem como diferenças entre crianças de classe média e classe baixa, possibilitando às crianças de classe média adotar critérios mais elaborados para identificar textos, o que denuncia que o acesso à Educação Infantil pública não vem cumprindo seu papel de acessibilizar a familiaridade com o universo da escrita., uma vez que mesmo crianças com três anos de Educação Infantil não haviam se apropriado claramente das funções da escrita no contexto social. O artigo 7: Silva (2020) problematiza a política do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e da organização do ciclo de alfabetização em três anos, requerendo a alfabetização o final do terceiro ano do Ensino Fundamental (EF) utilizando-se de elementos Política Nacional de Avaliação da Alfabetização (ALAVARSE, 2013) para verificar que apenas uma em cada cinco crianças desenvolveu a capacidade de ler palavras isoladas, e poucas atingiram os maiores níveis de proficiência na leitura e na escrita ao final do 3º ano.

### **Relação entre alfabetização e experiência da criança no contexto de vida**

No âmbito das considerações sobre a relação entre alfabetização e experiência da criança em seu contexto de vida, três artigos apresentam argumentos sobre a necessidade de

articular a aquisição da língua escrita a aspectos lúdicos e sobre a necessidade de conectar a aprendizagem ao contexto psicossocial de vivência da criança e um destes aborda a necessidade de criar contextos de experiência e sociabilidade ligadas ao universo letrado. O artigo 3: Pereira & Alencar (2017) destaca que pelo lúdico a criança expressa suas experiências de vida, os elementos que lhe marcaram, seus afetos, visões de mundo e relações e argumenta que esse caráter lúdico consta na leitura infantil, conduzindo a observar, investigar, experimentar e imitar tendo papel na construção de seu mundo imaginário realizando uma crítica ao ensino escolar, que institui e enfatiza um elemento avaliativo e tarefeiro na leitura, tornando a atividade desinteressante à criança na medida que não se articula a seus sentidos vivenciais. O artigo 5: Nörnber & Gonçalves (2018) também argumenta sobre a relação entre leitura e vivência, baseando-se na Sociologia da Infância e ouvindo crianças sobre suas vivências na aprendizagem. Critica a visão adultocêntrica dos professores e propõe que seja incluída a perspectiva das crianças social e historicamente contextualizadas, e não apenas o olhar dos adultos sobre a existência delas. No artigo 2: Barros (2011), destaca que a familiaridade com o universo escrito está articulada ao contato, à valorização e à funcionalidade que a escrita tem nos contextos de sociabilidade da criança, sendo necessária a atuação da escola para possibilitar os contextos letrados a todas as crianças, já que este é mais frequente em famílias de classe média do que de baixa renda.

### **Influência dos recursos de aprendizagem na alfabetização**

Já os artigos que destacam influência dos recursos de aprendizagem na alfabetização focalizam elementos presentes no repertório social e simbólico da criança, recursos lúdicos, interação com adultos educadores (pais e professores), e técnicas de lida com o texto e materiais escritos no processo de alfabetização e letramento. Tais considerações são realizadas nos artigos 1, 3, 4, 6 e 8.

No tocante à contextualização de materiais e processos ao repertório da criança, os artigos 3, 4 e 6 trazem contribuições a esse respeito. O artigo 3: Pereira & Alencar (2017) nos mostra a brincadeira como um rico recurso que interfere não só na escrita, mas como na produção da imaginação, proporcionando acesso ao universo simbólico, a possibilidades distantes da realidade imediata e à experiência lúdica, o que favoreceria o hábito e o gosto pela leitura no exercício da capacidade de construir a própria identidade e vislumbrar novas realidades. Já o artigo 4: Mota (2007). destaca que o trabalho com materiais que fazem parte do repertório das crianças ensina a habilidade de refletir sobre a língua na medida em que, ao articular o material trabalhado ao contexto vivido, torna os textos significativos e desenvolve a consciência metalinguística. O artigo 6: Bortolan & Freire (2019) destaca a importância da experiência social para que a criança assimile a cultura escrita, advogando pela utilização de atividades significativas, que utilizem a escrita em toda a sua funcionalidade social e que desenvolvem funções psíquicas superiores e se atentem às transformações nas necessidades da criança ao longo do desenvolvimento.

Em relação à utilização de recursos lúdicos, os artigos 3: Pereira & Alencar (2017) e 4: Mota (2007) destacam a relevância da experiência lúdica na formação do universo simbólico, na construção de referências que permitam expressar experiências significativas e no envolvimento da criança para com a atividade. Nesse sentido, a utilização de recursos lúdicos evitaria práticas excessivamente adultocêntricas, avaliativas e burocráticas, permitindo um processo de aprendizagem mais significativo, autorreflexivo e promotor de individualidade e autonomia.

A interação com adultos educadores é abordada nos artigos 1: Mendonça (2016) e 3: Pereira & Alencar (2017), que apontam para o papel desses indivíduos para enriquecer e legitimar a experiência de leitura da criança, estimulando sua criatividade, sua paciência, serenidade e concentração. O artigo 1: Mendonça (2016) destaca sobretudo o papel do

professor na condução do processo de aquisição da língua escrita, enquanto mediador da aprendizagem e orientador frente à compreensão da relação grafema-fonema e do processo interpretativo da linguagem. Já o artigo 3: Pereira & Alencar (2017) afirma que a mediação da aprendizagem permite uma relação mais clara entre a língua escrita e a significação do mundo social, permitindo a reflexão sobre papéis sociais, costumes e valores.

Sobre a abordagem do texto e de materiais escritos no processo de alfabetização e letramento, são abordados dois elementos: a articulação entre práticas pedagógicas de correlação letra-fonema e recursos de letramento voltadas às funções da escrita, discutidas no artigo 4: Mota (2007), e a escolha de textos apropriados à atitude reflexiva sobre a leitura discutida nos artigos 4: Mota (2007) e 8: Fronckowiak, & Barbosa (2021).. O artigo 4: Mota (2007) afirma que a combinação entre o trabalho com o som das palavras a atividades de letramento que favoreçam os usos e funções da língua escrita com práticas pedagógicas permite integrar o código escrito ao contexto e facilitar uma aprendizagem mais contextualizada e reflexiva. Afirma também a necessidade de trabalho com textos significativos desde a educação infantil. Já o artigo 8: Fronckowiak, & Barbosa (2021). discute a formação de leitores, critica a pobreza de contextos literários que são trazidos à criança, tanto na mediocridade do conteúdo quanto na falta de diversidade de gêneros textuais. Assim, o conteúdo escolhido deveria gerar para a criança o prazer da leitura e favorecer o letramento pleno por meio com o contato com uma diversidade de contextos nos quais se pode relacionar o texto e o mundo social, considerando os aspectos educacionais, políticos, sociais, econômicos, dentre outros transpassados na leitura. A variedade de gêneros adensaria a consciência linguística e auxiliaria na posterior alfabetização.

### **Posicionamento da criança em relação ao texto**

Os artigos que fazem considerações sobre o posicionamento da criança em relação ao texto são os artigos 2, 3, 6 e 9. Segundo o artigo 9: Moreira (2009).. a criança adquire e utiliza

a escrita conforme o contexto e o percurso da aquisição da escrita inicia-se com a ausência de relação grafo-fônica, passando por uma série de etapas cíclicas de relações som/letra, até atingirem as relações ortográficas, cuja dependência som/grafia é superada. O artigo 9: Moreira (2009) acompanha os estágios de desenvolvimento da escrita propondo uma nova roupagem ao contexto de aquisição da leitura pela criança colocando a escrita à luz da Linguística Aplicada, e fornecendo uma alternativa diversa dos conhecidos estágios ferreirianos, muito utilizados pelo alfabetizador, exibindo conceitos da Fonologia para o desenvolvimento da escritura pela criança. O artigo 2: Barros (2011) Considera que mesmo indivíduos não alfabetizados fazem usos sociais da leitura e da escrita e que a escola tem papel importante nestes usos, este estudo investiga a contribuição da educação infantil para o letramento em crianças ainda não alfabetizadas. Sendo assim o artigo 2: Barros (2011) investiga o conhecimento das crianças sobre portadores de texto e sobre gêneros, sendo identificado que a educação infantil apesar de inserir as crianças no mundo letrado não contribuiu de forma significativa em relação a compreensão dos diversos tipos textuais apresentados na pesquisa.

Em relação ao processo interpretativo do leitor no ato de ler e compreender o texto o artigo 3: Pereira & Alencar (2017) propõe que a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho de interpretação e compreensão do texto. Baseando-se no seu conhecimento sobre o assunto, trata-se de uma atividade que necessita de estratégia de seleção, antecipação e verificação. Durante a vida escolar não é difícil perceber-se que a leitura por várias vezes é imposta para o aluno como uma exigência para uma atividade avaliativa ou para responder questões levantadas pelo professor cuja resposta está no texto. Lê-se para procurar respostas, não para construção de sentido a partir de conhecimentos prévios, com isso podemos ver que a leitura tem sido apresentada de maneira equivocada. Sendo assim as práticas de leitura como decodificação não modificam em nada a visão de mundo do leitor, pois se trata apenas de

automatismos de identificação e pareamento das palavras do texto com as palavras idênticas em uma pergunta ou comentário. São práticas que precisam ser extintas das aulas de leitura para o sucesso da aquisição e domínio da linguagem ao longo nos primeiros anos escolares. O primeiro passo para a formação do hábito de leitura é ofertar textos próximos à realidade do leitor, que tenha significado para ele. Pois assim este aluno adquire o gosto pela leitura e o hábito de ler.

O artigo 6: Bortolan & Freire (2019) critica os métodos de alfabetização comumente usados nas escolas que partem do princípio de que é necessário propor à criança tarefas que desenvolvam e treinem habilidades perceptivas (auditivas, visuais e motoras). Ao considerar que o desenvolvimento dessas habilidades é um requisito para a aprendizagem da linguagem escrita, pressupõe-se que o desenvolvimento de tais habilidades possam favorecer a aprendizagem da escrita em sua complexidade. A decodificação do código escrito não forma o escritor que atribui sentido ao que comunica e expressa, uma vez que envolve um fazer desconectado de significado e ações infantis destituídas de sentido.

### **Papel do professor na jornada da criança**

Sobre as considerações sobre o papel do professor na experiência de aprendizagem da criança os artigos 1, 3, 5, 6, 7 e 10 abordam o tema. Todos buscam acentuar que o professor possui um papel importante na aquisição da escrita da criança, já que, entre outras coisas, estão presentes e auxiliam durante todo esse processo e reiteram que é essencial para o professor ter uma formação teórica e refletir sobre suas concepções a respeito da leitura ampliando assim a capacidade leitora das crianças. Isso implica ao professor criar condições de ensino para que criança se constitua como sujeito. Os artigos que destacam o papel do professor na experiência de aprendizagem da criança abordam os seguintes aspectos: a formação profissional e teórica dos professores, suas metodologias de trabalho e como os professores influenciam na escrita da criança.

Em relação a formação profissional e teórica dos professores, o artigo 1: Mendonça (2016) discute o foco dos profissionais no processo escolar propriamente dito ao ensinar sobre alfabetização, destacando sua importância e efetividade no processo das crianças sobre seu aprendizado. O artigo 3: Pereira & Alencar (2017) defende a importância da formação teórica sólida do educador, para que ele entenda como ocorre a aquisição da leitura e da escrita pela criança, considerando o conhecimento como essencial para que o professor possa intervir e mediar a construção do processo de ensino-aprendizagem.

Em relação às metodologias de trabalho do professor, o artigo 3: Pereira & Alencar (2017) destaca que é indispensável que o professor reflita sobre suas concepções de leitura, focando sempre em um resultado positivo, buscando métodos voltados para estimular o gosto pela leitura, conscientizando seus alunos da importância da leitura para seu crescimento intelectual, social e profissional. Muitas vezes, por falta de conhecimento, o professor culpa a criança pelo seu baixo desempenho na aprendizagem da leitura, atribuindo a sua suposta deficiência linguística e cultural. Entretanto, a dificuldade não está na criança, mas na escola que não consegue desenvolver as habilidades necessárias para ela domine a língua padrão.

O Artigo 5: Nörnber & Gonçalves (2018) afirma que a “função do ensino literário na escola pode definir-se também como a ação de ensinar o que fazer para entender um corpus de obras cada vez mais amplo e complexo”. O que está em jogo na aula de literatura, nos momentos de estudo do texto, é a ampliação da capacidade leitora. E, para isso, o professor precisa desenvolver uma metodologia de trabalho. Não basta ler textos. É preciso compartilhar leituras, discutir ideias, proporcionar outras leituras que auxiliem no entendimento do texto lido, mostrar outras possibilidades de sentido.

O Artigo 6: Bortolan & Freire (2019) ressalta que Diferentemente da fala, a aprendizagem da leitura e da escrita demanda ensino e, conseqüentemente, o professor como organizador do trabalho educativo para planejar atividades significativas de escrita como

língua viva, em seus usos e funções. Isso implica em criar as condições de ensino para a criança constituir-se como sujeito autor num contexto social mais amplo da sociedade como fonte de conhecimento historicamente acumulado pela humanidade. A aprendizagem da escrita é, em essência, uma atividade coletiva que supõe as interações sociais entre crianças e adultos.

Para não desenvolver uma atividade alienada e alienante, é preciso que o professor planeje as atividades com a escrita, considerando a necessidade de a criança se apropriar da cultura escrita, bem como o motivo que pode impulsioná-la a alcançar o objetivo inicialmente proposto para a realização da atividade. Uma atividade significativa sobre a escrita supõe os elementos: desejo, necessidades, emoções, tarefas e ações, e os motivos, meios e planos para as ações

O artigo 3: Pereira & Alencar (2017) discute como os professores podem influenciar na escrita da criança ao serem bons contadores de histórias, pois as crianças se encantam com o professor, com a entonação de sua voz, os gestos, as expressões, os risos ou choros, enfim, tudo aquilo que traz emoção para o momento. São, assim, estimuladas a buscar as mesmas experiências por meio da leitura

Segundo o artigo 7: Silva (2020) é importante considerar o ensino explícito e sistemático do sistema de escrita alfabético e suas convenções ao mesmo tempo em que é preciso adotar práticas de leitura e escrita de textos de diferentes gêneros com as crianças, mesmo em fase inicial de alfabetização. Cabe ao professor ter ações pedagógicas diferenciadas e planejadas para que a criança construa conhecimentos sobre a escrita e tenha o seu processo de alfabetização consolidado, o docente necessita compreender os princípios e teorias subjacentes a esse processo e criar procedimentos diferenciados que promovam a aprendizagem e ajustes adequados à progressão dessas aprendizagens ao mesmo tempo em que identificam as dificuldades.

O artigo 10: Cruz, & Albuquerque, (2011). destaca que é preciso investir na formação do professor e assegurar que este desenvolva um trabalho focado no “alfabetizar-letando” por meio de atividades que proporcionem, desde o 1o ano do 1o ciclo, a reflexão e apropriação dos princípios e convenções do SEA (Sistema de Escrita Alfabética) e a ampliação das experiências de letramento dos alunos tanto no que se refere à leitura de diferentes gêneros quanto à produção textual.

### **Relato das próprias crianças sobre suas experiências.**

Durante nossa pesquisa, foram identificados poucos artigos que consideram o relato da criança propriamente dita, sendo que é importante compreender o processo de pensamento da criança para propor novas e eficazes estratégias em relação a sua alfabetização. Sendo assim o artigo 5 coloca a criança como agente de seu próprio processo de aquisição, ao formar um grupo focal aonde as questões dessas crianças eram ouvidas.

No artigo 1: Mendonça (2016) faz uma consideração sobre a perspectiva da criança no texto que não aborda diretamente as crianças, mas de maneira indireta apresenta o modo como diferentes objetivos em torno do processo de aprendizagem – os de pesquisa e os de ensino – podem trazer diferentes lugares relacionais para a criança e influenciar sua vida.

O artigo 5: Nörnber & Gonçalves (2018) se diferencia dos outros, pois ouve a criança como portadora de uma análise sobre o próprio processo de aprendizagem ao ser organizado um grupo focal com o objetivo de criar condições de escuta e registro sobre o que pensavam as crianças que participaram do trabalho com os roteiros de leitura, observando que sentidos produziram a partir da experiência feita. Para investigar o que as crianças envolvidas pensavam sobre o trabalho com a literatura infantil e analisar os sentidos que elas atribuíam, os registros feitos na documentação pedagógica da professora-investigadora foram analisados. Ao pensar nos sujeitos da pesquisa como crianças, podemos proporcionar uma série de atividades que talvez não fosse feita se estes fossem vistos apenas como alunos. O fato de

lembrar sempre que, embora alunos, eles são crianças faz com que não esqueçamos o momento de vida que vive, em suas necessidades, desejos e possibilidades. Vê-los como crianças exigiu-nos fazer uma pesquisa com elas e não sobre elas. Enxergar a criança como alguém que já é, e não como alguém que será, muda a forma com que as propostas pedagógicas são pensadas para elas. Os professores estão acostumados a falar das crianças, a usar tabelas que classifiquem e deem um padrão de normalidade, a usar metodologias desenvolvidas por adultos que não consideraram as crianças reais que temos (social e historicamente contextualizadas). Ao incluirmos em nossos diários, além dos conteúdos trabalhados, as falas, as situações, as formas como as crianças receberam e interpretaram o que lhes foi proposto, reagiram ou resistiram a ele, faz com que estejamos incluindo a perspectiva das crianças, e não apenas nosso olhar adultocêntrico sobre elas.

Já o artigo 6: Bortolan & Freire (2019) analisa através de uma entrevista os gestos da escrita de Ivo, uma criança de seis anos que frequenta o primeiro ano do Ensino Fundamental, tendo como objetivo compreender como as crianças se apropriam da escrita em contextos educativos formais e informais, o objetivo do experimento pedagógico é mostrar a eficácia de programas e métodos de ensino e como se desenvolve esse processo da criança ao se apropriar da escrita. Estudamos as relações das crianças com a escrita em suas atividades cotidianas, na sala, no pátio, no refeitório, nos corredores etc., quando chegam, quando vão, enfim, em diferentes tempos que permanecem em atividade na escola. Assim, focalizamos o processo de pesquisa no objeto em movimento – a formação da atitude autora e leitora da criança desenvolvendo e dando destaque a criação das necessidades e motivos das crianças, significados e sentidos atribuídos ao objeto escrita, apreendidos em sua totalidade. Este experimento foca na relação entre os sujeitos da pesquisa – a criança e a pesquisadora – que esclarece a relação processual de apropriação da escrita pelas crianças. O estudo mostrou o desejo de Ivo de aprender a língua viva, mas, com exceção de seu primeiro gesto, a escrita da

palavra HULK, os outros três gestos de escrita apresentam indícios de que seu processo de alfabetização na escola não criou condições adequadas para as interações verbais pelas quais ele possa efetivamente apropriar-se da escrita em sua complexidade. Seus gestos revelam indícios que a escrita não pode ser dominada de forma mecânica, em uma aprendizagem artificial, que ignore a apropriação da escrita como o resultado de um longo processo de desenvolvimento das funções superiores do comportamento infantil. Ao registrar letras do alfabeto que para ele não têm função, Ivo está aprendendo que escrever é cifrar e ler é decifrar o código alfabético, apenas a técnica da escrita que mostra seus elementos externos, mas a alfabetização como técnica parece não propiciar sua inclusão na cultura escrita. A alfabetização envolve a apropriação de um conjunto de processos que precisa ser ensinado sistematicamente. Nessa perspectiva, entendemos que, diferentemente da aprendizagem da linguagem oral, não é suficiente que as crianças tenham nascido em um ambiente com a presença de escritos, onde vivem pessoas letradas, para que venham a aprender a escrever. São necessárias situações e atividades significativas que criem as condições adequadas para a aprendizagem da escrita, isto é, a imersão da criança na cultura escrita e a presença de mediadores para que ela se aproprie de conhecimentos sobre a escrita. É pela vivência social que a criança assimila a cultura escrita, em ações externas e, simultaneamente, em ações internas que lhe permitem significar a escrita e desenvolver funções psíquicas superiores como a atenção voluntária, o pensamento abstrato, a memória, a imaginação

### **Considerações finais**

A relevância da investigação sobre a experiência da criança no processo de alfabetização se colocou em razão do frequente destaque atribuído ao papel do professor em detrimento do foco na própria criança. Assim, a investigação da perspectiva da criança objetivou a construção de uma visão mais integrada sobre os processos de alfabetização, sobre

os problemas de ensino-aprendizagem e sobre as metodologias adotadas. Deste modo visamos evidenciar o protagonismo e as dificuldades enfrentadas pela criança no processo de aquisição da escrita.

Durante nossa revisão bibliográfica, notamos a escassez de trabalhos científicos que convidam as crianças para desempenharem o papel de protagonistas de sua própria aquisição da linguagem escrita expondo assim o que as crianças têm a dizer sobre essa jornada. Ainda hoje muito do que se tem produzido sobre a alfabetização e letramento não inclui as crianças em suas pesquisas e sim apenas experiências e perspectivas do adulto, do professor, dos pais e das escolas, levando a uma visão na qual a queixa escolar a respeito das dificuldades de aprendizagem das crianças em relação às normas da escrita, seja discutida e trabalhada com todos com à exceção das próprias crianças.

Sendo assim, fica evidente que seriam necessários mais trabalhos científicos que acompanhem o processo da criança e que as vejam como interlocutoras sobre sua própria experiência e coautoras de sua escrita. Também é necessário reafirmar que mesmo sendo o processo de aquisição da escrita pela criança um processo individual, ele não ocorre de forma solitária, já que é através da linguagem que o sujeito se estabelece em nossa sociedade que é altamente letrada e complexa. Sendo assim, não basta apenas formarem-se professores cientes das teorias e pesquisas a respeito da alfabetização, e nem propor um esquema metodológico de como deve ser feita a alfabetização infantil, mas sim incentivar que estes professores vejam a criança como não apenas um receptáculo de conteúdos, mas sim como agentes participantes de todo esse processo.

Devemos destacar a importância de termos um educador comprometido com seu papel de mediador do conhecimento e que esteja disposto a desenvolver suas ações educativas e como isso interfere na qualidade de vida de seus alunos. Dar voz às crianças não significaria que o papel dos adultos seria diminuído, mas ampliar os elementos a serem considerados

dinamizando o trabalho de professores e outros mediadores da aprendizagem e tornando o processo mais democrático.

O desafio que é imposto aos professores e pais e o de encontrar meios de desenvolver uma escuta atenta e percebermos a importância do que nos é dito, pois a partir disso torna-se mais fácil propor práticas pedagógicas que se adequem aquela criança. Devemos nos questionar como a escola pode estimular e manter esses alunos interessados no mundo literário demonstrando assim resultados formando sujeitos alfabetizados e letrados.

Sabendo que hoje saber ler e escrever são entendidos como operações essenciais em nossa sociedade, devemos nos atentar para garantir e implementar medidas que facilitem o processo de aquisição da linguagem escrita. Evitando assim os antigos moldes autoritários aonde a opinião e vivência dessas crianças era ignorada. Atualmente a criança torna-se letrada por meio de diferentes instrumentos sociais de comunicação, como computadores, internet, televisão etc. Sendo assim, cada vez mais a modernidade distancia essas crianças do texto escrito e do contato com os livros, tendo assim a escola o desafio de retomar a atenção desses sujeitos ao mundo das publicações escritas. Devemos notar que alfabetizar uma criança atualmente já não é igual ao alfabetizar crianças dos anos 1980. Então devemos debater o porquê de as escolas insistirem em manter as didáticas elaboradas a mais de 40 anos atrás e como isso prejudica a aprendizagem efetiva da criança.

A alfabetização deveria ser um processo prazeroso, dinâmico e envolvente e não uma obrigatoriedade transformando a vivência infantil em uma hostilidade adulta, o brincar é muito importante nessa etapa, pois é através dele que a criança toma gosto pela leitura. Acreditamos que a educação é uma prática transformadora, carregada de intencionalidade, onde todos os sujeitos envolvidos neste processo, alunos e educador, são responsáveis pela construção da sociedade da qual fazem parte. Sendo assim necessário que a criança seja compreendida em sua totalidade com o objetivo de fazê-la desenvolver-se plenamente.

## Referências Bibliográficas

- Asbahr, F. D. S. F. (2016). Idade escolar e atividade de estudo: educação, ensino e apropriação dos sistemas conceituais. *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice*. Campinas: Autores Associados, 171-192.
- Azenha, M. G. A. (2010). *Construtivismo: De Piaget a Emilia Ferreiro*. São Paulo: Ática.
- Barros, M. T. D. A., & Spinillo, A. G. (2011). Contribuição da educação infantil para o letramento: um estudo a partir do conhecimento de crianças sobre textos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24, 542-550.
- Batista, A. A. G. (2006) Alfabetização, leitura e escrita. In: Carvalho, M. A. F. & Mendonça, R. H. (org.). *Práticas de leitura e escrita*. Brasília: Ministério da Educação, p. 13-17.
- Briner, Rob & Denyer, David. (2012). Systematic Review and Evidence Synthesis as a Practice and Scholarship. In: *Oxford Handbook of Evidence-Based Management: Companies, Classrooms and Research*. Oxford: Oxford University Press, pp.112-129.
- Brito, D. S. (2010). A importância da leitura na formação social do indivíduo. *Periódico de Divulgação Científica da FALS, Ano IV-Nº VIII-JUN*.
- Britto, L. P. L. (2005). *Letramento no Brasil*. Curitiba. Lesde.
- Bortolanza, A. M. E., & Freire, R. T. J. (2019). Entre significar e decifrar a escrita: a alfabetização de Ivo. *Revista da FAEEDBA-Educação e Contemporaneidade*, 28(54), 139-154.
- Cadan, L (2012). *Alfabetização e letramento na educação infantil*. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira.
- Carmo, M. S. (2020). Alfabetização, progressão e avaliação: reflexões sobre as aprendizagens da criança. *EccoS–Revista Científica*, (55), 8828.
- Correa, J., & MacLean, M. (1999). Aprendendo a ler e a escrever: a narrativa das crianças sobre a alfabetização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12, 273-286.
- Cruz, M., & Albuquerque, E. (2011). Alfabetização e letramento no 1º ciclo: o que as crianças aprendem sobre a escrita a cada ano? *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 92(230).
- Ferraro, A. R. (2002). Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos?. *Educação & Sociedade*, 23, 21-47.
- Ferreiro, E.; Terberosky, A. (1999). *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- Fronckowiak, Â. C., & Barbosa, M. C. S. (2021). Educar para ler desde a infância: o valor poético da vocalidade e da imaginação. *ETD-Educação Temática Digital*, 23(1), 157-176.

- INAF (2016). *Indicador de Analfabetismo Funcional*. [On-Line] Disponível em: [https://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2016/09/INAFEstudosEspeciais\\_2016\\_Letramento\\_e\\_Mundo\\_do\\_Trabalho.pdf](https://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2016/09/INAFEstudosEspeciais_2016_Letramento_e_Mundo_do_Trabalho.pdf) Acesso em 10/06/2022
- Kishimoto, T. M. (2010). Alfabetização e letramento/literacia no contexto da educação infantil: desafios para o ensino, para a pesquisa e para a formação. *Múltiplas Leituras*, 3(1-2), 18-36.
- Kleiman, A. (1998). Ação e Mudança na Sala de Aula: Uma pesquisa sobre letramento e interação. In: Rojo, R. *Alfabetização e Letramento: perspectivas linguísticas*. São Paulo: Mercado das Letras.
- Mendonça, O. S., & de Oliveira Kodama, K. M. R. (2016). Alfabetização: por que a criança não aprende a ler e escrever? *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 11(4), 2448-2464.
- Miranda, C. M. M.; Santos, D. N.; Rodrigues, E. G.; Magalhães, I. M. C. S. & Mata, J. B. A. (2021). Alfabetização e letramento na educação infantil. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*. São Paulo, v.7.n.6, pp. 1210 – 1216.
- Moreira, C. M. (2009). Os estágios de aprendizagem da escrita pela criança: uma nova leitura para um antigo tema. *Linguagem em (Dis) curso*, 9, 359-385.
- Mota, M. E. (2007). Algumas considerações sobre o letramento e o desenvolvimento metalinguístico e suas implicações educacionais. *Estudos e pesquisas em psicologia*, 7(3), 477-489.
- Nörnberg, M., & Gonçalves, S. N. (2018). Formação do leitor literário: com a palavra, as crianças! *Revista Inter Ação*, 43(1), 129-146.
- Orlandi, E. P. (1987). *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2.ed. Campinas: Pontes
- Pereira, B. G., & Alencar, A. N. (2017). Leitura nas séries iniciais: algumas considerações. *Holos*, 7, 299-310.
- Ribeiro, V. M., Vóvio, C. L., & Moura, M. P. (2002). Letramento no Brasil: alguns resultados do indicador nacional de alfabetismo funcional. *Educação & Sociedade*, 23, 49-70.
- Rocco, M. T. F. (1994). A importância da leitura na sociedade contemporânea e o papel da escola nesse contexto. *Série Idéias*, (13), 37-42.
- Silva, M. (2020). Alfabetização, progressão e avaliação: reflexões sobre as aprendizagens da criança. *EccoS – Revista Científica*, 0(55)
- Souza, B. D. P. (2007). *Orientação à queixa escolar*. Casa do Psicólogo.
- Soares, M. Língua escrita, sociedade e cultura. *Revista Brasileira de Educação, Belo Horizonte*, v. 0, p. 5-16, set./dez. 1995.

- Soares, M. (1999) Letramento: como definir, como avaliar, como medir. In: Soares, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Soares, M. (1998). Letramento: como definir, como avaliar, como medir. *SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica*, 61-125
- Soares, M. (2002). *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Soares, M. (2004). Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista brasileira de educação*, 5-17.
- Souza, B. D. P. (2020). Trabalhando com dificuldades na aquisição da língua escrita. *Orientação à queixa escolar*, 420.
- Souza Pan, M. A. G., & Faraco, C. A. (2005). Os sentidos da infância: um estudo sobre processos subjetivos na instituição escolar. *Interação em Psicologia*, 9(2).
- Stemmer, M. R. G. S. (2010) A educação infantil e a alfabetização. In: Arce, A. Martins, L. M (Org.). *Quem tem medo de ensinar na educação infantil?: em defesa do ato de ensinar*. 2ª edição. Campinas, SP: Editora Alínea.
- Vygotsky, L.S. *A Formação Social da Mente*. 6ª ed. São Paulo, SP. Martins Fontes Editora LTDA, 1998.
- Zilberman, R. E. G. I. N. A., & Silva, E. T. D. (1988). Leitura: perspectivas interdisciplinares. *São Paulo: Ática*, 1, 995.